

Apresentação Oral

SALA 1 – PSICOLOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS DEVE SER ENTREGUE AOS AVALIADORES NO DIA DA APRESENTAÇÃO DO ARTIGO.

Google meet: <https://meet.google.com/okh-ztrx-wfa>

DOCENTES AVALIADORAS: Jean Cláudio dos Santos Parra e Luiz Gustavo Soares dos Santos

1. COVID-19 E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: Um flagelo adicionado a um problema já enraizado

Débora de Almeida Costa; Juliana de Freitas Almeida Barbosa; André Masao Peres Tokuda.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender como as violências contra as mulheres são vivenciadas pelas diferentes mulheres e debater sobre a potência da pandemia nesse contexto. A partir de revisões bibliográficas acerca da violência e sua tipologia, os mecanismos jurídicos de proteção, os impactos da pandemia e as influências dos marcadores sociais no contexto pandêmico, através dos canais de pesquisa *Scielo* e sites oficiais dos Ministérios da Saúde, da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, no período de 2020-2022. Além de entrevistas realizadas com mulheres vítimas de violência que formalizaram a denúncia e mulheres que optaram por não denunciar. A violência contra as mulheres é uma questão de saúde pública, que vem sendo invisibilizada há séculos, a qual abarca aspectos individuais, relacionais, culturais e sociais. A pandemia tem desencadeado inúmeras mudanças bruscas na vida de toda a população mundial, e uma delas é tornar nítido as violências sofridas por esse gênero. Como aponta dados divulgados pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) houve o aumento de atendimentos aos casos de violência contra as mulheres e a redução no número de registros de boletim de ocorrências. Dados como esses evidenciam a naturalização da violência contra as mulheres em momentos de crises, isto é, a violência contra as mulheres como uma resposta normal em momentos de conflitos/tensões. Essa pandemia invisível surgiu ou agravou-se com o surgimento da pandemia de COVID-19? Quem são essas mulheres que procuram atendimento e as que não procuram? Em quais realidades essas pessoas estão imersas? Quais as medidas tomadas pelo Estado antes e durante a pandemia para evitar a prática da violência, acolher e auxiliar essas mulheres?

PALAVRAS-CHAVE: violências contra as mulheres; saúde pública; pandemia; vivências; interseccionalidade; invisibilidade.

2. VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA: Relações abusivas

Raquel Alves Matos; André Masao Peres Tokuda

RESUMO

No Brasil, muitas mulheres sofrem agressão psicológica, e um relacionamento abusivo por não conseguir identificar. A partir do momento que a mulher não consegue mais fazer o que gosta vestir roupas, cursos de interesse, e ser uma mulher independente porque o parceiro não deixa tendo um sentimento de culpa em falar alguma coisa. O ciclo da violência inicia no aumento da tensão, o ato da violência e o arrependimento. O presente artigo tem por intuito revelar as várias situações abusivas de mulheres que permanecem no ciclo de violência em seus relacionamentos, de forma que possamos compreender as inúmeras definições de violência e os vários fatores que fazem com que a vítima se

encontre nesse ciclo e por fim, trazer as leis que amparam a vítima. O principal objetivo na pesquisa é transparecer o motivo pelas quais as mulheres persistem em relações abusivas, considerando o público de mulheres em geral, etnias, idades, escolaridade e classe social. Sobre o presente tema neste trabalho vamos abordar como o corpo da mulher se tornou descartável, e trazer um dos dispositivos de sexualidade. É de suma importância abordar o tema presente e compreender as várias complicações e a inclinação da mulher em se posicionar e resistir em sair do relacionamento abusivo que se encontra.

PALAVRAS-CHAVE: violência; violência psicológica; relacionamentos abusivos; ciclo da violência.

3. LUTO NA INFÂNCIA: Contribuições da psicologia diante da perda

Katia Poliana Gomes de Oliveira; Anatiele Paula de Souza

RESUMO

Ao longo da vida, existe uma busca constante sobre como lidar com contratempos, com perdas das mais diversas naturezas, até mesmo com a morte, seja de familiares, amigos, animais de estimação, entre outros. Frente a um cenário de perda, às vezes se faz necessária a procura por ajuda profissional. Nesse contexto, a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) se destaca como uma abordagem eficaz para a elaboração do processo de luto. O objetivo deste trabalho é compreender o luto infantil, elencando as principais consequências na vida das crianças, além de destacar a necessidade de temáticas infantis e a eficácia das principais técnicas utilizadas pela TCC. Para responder às questões levantadas, foi realizado um estudo bibliográfico utilizando publicações eletrônicas nacionais e internacionais localizadas em sites ou revistas e plataformas *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC). Dada a complexidade do tema da morte e do luto e a importância da infância, pode-se destacar que é imprescindível acolher, ouvir e orientar as crianças para que possam aprender a expressar e a externalizar seus conteúdos, possibilitando a elaboração da dor e da perda. Nesse sentido, a psicologia infantil apresenta um referencial teórico-prático relacionado ao manejo de cenários psicoterapêuticos, especificamente, a TCC traz ferramentas e técnicas eficazes como a psicoeducação, técnicas de respiração e relaxamento, registro e pensamento disfuncional, uso de metáforas, dentre outras, focando no atendimento direto ao paciente, seja de modo individual ou em grupo, bem como fomentando a orientação dos cuidadores.

PALAVRAS-CHAVE: luto; infância; terapia cognitivo-comportamental.

4. GÊNERO, SUBJETIVIDADE E MÚSICA

Aline Medeiros de Oliveira Silva; André Masao Peres Tokuda

RESUMO

Este trabalho parte dos estudos de Gênero e Sexualidade, tendo como foco o processo de subjetivação feminino durante a história da humanidade, com enfoque no atravessamento das letras de músicas na subjetividade feminina. Isto é, o referente artigo tem como objetivo compreender as letras de músicas machistas como tecnologias de gênero e produtora de subjetividade feminina. Pois, a música, enquanto dispositivo cultural e social, carrega um grande potencial de alcance em massa e aborda questões de representações de papéis femininos e masculinos, como também, de relações entre os sexos. Com isso, pela forma machista que se dá tais papéis e como as relações entre os sexos são estabelecidas de modo que a figura feminina é colocada em um lugar de opressão, violência e menor valor, a música se transforma em tecnologia de gênero, na qual a subjetividade feminina pode ser produzida ou reproduzida por meio da prática discursiva contemplada na mesma. Dessa forma, foi adotado como referencial teórico a temática Gênero e Sexualidade, transitando, também, pela Literatura Feminista, onde buscou-se entender como se dá os processos de subjetivação e fazer uma análise de discurso de músicas que fizeram sucesso nas décadas de 70, 80 e 90 e posteriormente nos anos de 2019, 2020 e 2021. Para a realização do presente artigo, recorreu-se à pesquisa bibliográfica de artigos científicos, livros, teses, dissertações, mídias sociais e recursos tecnológicos para coleta de informações e dados.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; sexualidade; mulher; feminismo; subjetividade; música.

5. O DIAGNÓSTICO NA INFÂNCIA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ASPECTOS PARA UM PROGNÓSTICO MULTIDISCIPLINAR

Eliana Lopes Pedroso; Janaína Sicuto Soares

RESUMO

Este artigo tem como objetivo abordar e compreender como o diagnóstico do transtorno do espectro autista errado ou precipitado influencia em um prognóstico ruim e ineficiente. A partir das buscas de revisões bibliográficas acerca das vivências das famílias, diante desses impactos marcadores o diagnóstico do transtorno do espectro autista tem sido um questionamento nos últimos anos, principalmente quanta as suas características e níveis de atenção, o que afetam, todo o ciclo da criança. Assim, é importante compreender os aspectos para um diagnóstico fechado, bem como um prognóstico multidisciplinar. No TEA há 3 níveis de intensidade dos sintomas. Nível 1 é atualmente a classificação mais baixa, neste nível precisarão de algum apoio para ajudar com questões como interação social inibida e falta de organização e habilidades de planejamento. TEA Nível 2 – Na faixa intermediária do TEA está o Nível 2, os indivíduos precisam de apoio substancial e têm problemas que são mais óbvios para os outros. Esses problemas podem ser problemas com a comunicação verbal, ter interesses muito restritos e exibir comportamentos frequentes e repetitivos. Nível 3 – Na extremidade mais severa do espectro requer um suporte muito substancial. Os sinais associados ao Nível 1 e ao Nível 2 ainda estão presentes, mas são muito mais graves e acompanhados por outras complicações. Indivíduos neste nível terão capacidade limitada de se comunicar e interagir socialmente com os outros. É necessária uma avaliação completa da criança e, mesmo assim, ainda é um trabalho complexo. Para esta avaliação e um diagnóstico fechado do TEA, o termo “multidisciplinar” se torna inerente para descrever as melhores práticas de diagnóstico avaliações. Muitas crianças não recebem um diagnóstico final até muito mais tardias. Algumas pessoas não são diagnosticadas até serem adolescentes ou adultos. Esse atraso significa que as crianças com TEA podem não receber a ajuda precoce de que precisam, então um diagnóstico coerente e eficiente poder ajudar as crianças a receberem tratamento desde cedo. A inserção no meio social de maneira assistida é de suma importância no processo de descoberta do TEA, uma vez que, cada indivíduo se porta de maneira distinta. Há quem tenha mais facilidade em se socializar, há quem tenha problemas com o social; há quem tenha mais facilidade e rapidez de raciocínio lógico, há quem tenha um atraso neste. Por isso, é muito importante um prognóstico multidisciplinar, para que haja a caracterização do portador do TEA.

PALAVRAS-CHAVE: diagnóstico; transtorno; prognóstico.